

# Artes circenses: acrobacia coletiva como conteúdo da educação física escolar\*

## *Circus arts: collective acrobatics as content of physical education school*

Tallyta Gabriella de Oliveita Torres<sup>1</sup>  
Renata Aparecida Elias Dantas<sup>2</sup>

### Resumo

As atividades circenses possuem grande potencial pedagógico dentro da Educação Física escolar. Acrobacia Coletiva é uma modalidade da arte circense em que vivencia-se uma prática corporal lúdica e agente no desenvolvimento da responsabilidade, confiança e compromisso. Este estudo analisou as impressões dos alunos sobre a Acrobacia Coletiva como possível conteúdo nas aulas de Educação Física. 23 alunos do 2º ano do Ensino Médio participaram de aulas de Acrobacia Coletiva nas aulas de Educação Física, respondendo um questionário sobre suas impressões ao final das aulas. 100% dos alunos gostaram de praticar Acrobacia Coletiva e acharam o conteúdo interessante para ser trabalhado durante as aulas. 96% afirmaram ter vontade de participar de mais aulas de Acrobacia Coletiva na escola. O trabalho em equipe foi apontado como o que mais gostaram e nada como o que menos gostaram. A Acrobacia Coletiva mostrou ser um conteúdo interessante e possível de ser trabalhado nas aulas.

**Palavras-chave:** Atividades Circenses. Circo na Escola. Educação Física Escolar. Acrobacia Coletiva.

### Abstract

Circus activities have a great pedagogical potential within the Physical Education School. Collective Acrobatics is a modality of circus arts where practitioners experiences a playful body practice, agent in the development of responsibility, trust and commitment. This study analyzed the impressions of students about the modality of Collective Acrobatics as a possible content to be worked in Physical Education's classes. 23 students of the 2nd year of Brazilian high school participated of Physical Education classes with Collective Acrobatics, answered a questionnaire about their impressions in the end. 100% of students liked to practice Collective Acrobatics and judged the content interesting to be worked during physical education classes. 96% of students said they wanted to attend more Collective Acrobatics' classes in school. Team work was appointed as what they most liked, and nothing was what they least liked. Collective acrobatics showed to be a interesting and possible content to be worked in classes.

**Keywords:** Circus Activities. Circus at school. Physical Education School. Collective Acrobatics.

\* Recebido em: 13/09/2016.  
Aprovado em: 31/01/2017.

<sup>1</sup> Centro Universitário de Brasília – UniCEUB – Brasília – DF, Brasil.

<sup>2</sup> Centro Universitário de Brasília – UniCEUB – Brasília – DF, Brasil.

## 1 Introdução

O circo está conectado às transformações artísticas, tecnológicas, econômicas, estéticas e culturais da humanidade. Nos picadeiros do Circo Tradicional, entre os séculos XVII e XX, encontravam-se diferentes estéticas e técnicas, desenvolvidas, principalmente, no interior das famílias, obtendo em cena demonstrações de humanos e animais. A manutenção dessa arte até os dias de hoje foi possível, principalmente, pela transmissão oral dos conhecimentos (GONZALEZ; DARIDO; OLIVEIRA, 2014).

Segundo Duprat e Bortoleto (2007), o Circo Novo é resultado de sucessivas rupturas na cultura circense tradicional e de sua abertura para outras expressões artísticas (teatro, dança, música), possibilitando o surgimento de centros especializados de ensino e de praticantes de diversas origens.

As atividades circenses podem ser divididas em categorias ou modalidades, que configuram um agrupamento de técnicas, tais como: acrobacia de solo, acrobacias aéreas, equilíbrios, técnicas de interpretação e manipulação de objetos. Essas modalidades exigem uma estruturação da relação do homem com o seu corpo e o movimento onde todas fazem parte do universo do Circo (AYALA; MELO, 2012).

Segundo Bortoletto (2011), a partir das últimas duas décadas do século XX, as atividades circenses se revelaram como elementos de grande potencial pedagógico, trazendo possibilidades diversas para a educação corporal, estética e expressiva.

Essa possibilidade de promover uma vivência prática da cultura corporal, capaz de desenvolver integralmente um indivíduo, fez o Circo aproximar-se da Educação Física e fazer parte de suas perspectivas atuais.

Caramês et al. (2012) descrevem a escola como um meio educacional significativo no desenvolvimento capacidades sociais, culturais, cognitivas, motoras e afetivas do indivíduo. As linguagens artísticas desenvolvidas com as atividades circenses possibilitam às crianças expressarem seus sentimentos, terem novas experiências e aumentarem a autoestima, percebendo que são seres capazes de realizar atividades artísticas e de produzirem cultura.

No Ensino Médio, as aulas de Educação Física, muitas vezes, não trazem conteúdos ou propostas inovadoras capazes de motivar os alunos para a prática. Assim,

as atividades circenses podem trazer vivências de elementos da cultura corporal de movimento a serem debatidas e apreciadas dentro da Educação Física escolar e, também, em momentos de lazer. As experiências com as atividades circenses pelos alunos do ensino médio contrapõem-se às práticas que enfatizam o uso utilitário do corpo e com a preparação que a escola faz dos alunos para o trabalho. Elas podem ser parte de um projeto de sociedade onde os alunos adquiram autonomia em relação aos elementos da cultura corporal e conquistem sua liberdade plena, enriquecendo e contribuindo na formação humana (SILVA, 2009).

Para uma atuação que aproxime as artes circenses da escola no Ensino Médio, propõe-se trabalhar com a Acrobacia Coletiva nas aulas de Educação Física. A Acrobacia Coletiva está inserida no agrupamento de técnicas das Acrobacias de Solo e também é conhecida como “Pirâmides Humanas” no universo circense.

A modalidade chegou ao Brasil por meio do Circo, mas fundamentou-se como esporte no militarismo do país na década de 40. A então “Ginástica Acrobática” foi difundida principalmente pelo escritor, acrobata, paraquedista e professor Charles Astor no Brasil. (TANAN; BORTOLETTO, 2008).

Ayala (2010) explica que a acrobacia coletiva combina vários elementos ginásticos (parada de mãos, paradas de três apoios, pontes, quatro apoios, esquadros), em diferentes configurações de pernas (carpadas, grupadas, estendidas) na construção de figuras e formas, em um trabalho cooperativo e de superação de limites entre os praticantes.

Tanan e Bortoletto (2008) reforçam a ideia de que a Acrobacia Coletiva é uma modalidade cooperativa em sua essência, em que os praticantes podem desenvolver capacidades físicas e habilidades motoras básicas junto a relações interpessoais, em uma vivência corporal que pode ser prazerosa e lúdica e ainda ser agente no desenvolvimento da responsabilidade, confiança e compromisso.

Durante a construção das formas, os praticantes assumem papéis diferentes de acordo suas características pessoais: base (suporte, responsabilidade, força) volante (sustentado, coragem, leveza e técnica), intermediário (versatilidade, capaz de exercer as duas funções em uma mesma figura). Há, também, os colegas que auxiliam na construção e desconstrução das figuras oferecendo a segurança necessária para sua realização.

O professor deve dar uma explicação detalhada sobre cada figura, fornecer exercícios de níveis de dificuldades graduais para os alunos, além de preparar o local da aula com colchões que evitem impacto nas saídas e possíveis quedas na execução.

Como apenas o corpo é instrumento da prática, ela se mostra bastante adaptável aos variados espaços físicos onde são realizadas as aulas de Educação Física, possibilitando uma fácil aplicação em qualquer ambiente escolar com pouco recurso material.

O objetivo do presente estudo foi analisar as impressões dos alunos sobre a modalidade da arte circense Acrobacia Coletiva como conteúdo possível de ser trabalhado nas aulas de Educação Física do Ensino Médio.

## 2 Materiais e Métodos

A presente investigação caracteriza-se como transversal de cunho exploratório. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB com número de parecer 1.186.427 e número CAAE 47139015.9.0000.0023. Seguiu-se as diretrizes éticas nacionais quanto aos incisos XI.1 e XI.2 da resolução nº 466/12 CNS/MS concernentes as responsabilidades do pesquisador no desenvolvimento do projeto. Tal resolução substitui a Resolução CNS n. 196/96.

Buscou-se promover experiências práticas de Acrobacia Coletiva para os estudantes, desenvolvendo aspectos motores, cognitivos e socioafetivos característicos da modalidade; aplicar um questionário aos alunos participantes das aulas de modo a coletar suas impressões sobre a experiência vivida com a acrobacia coletiva e analisar o questionário aplicado, identificando os pontos positivos e as dificuldades observadas no desenvolvimento das aulas e definindo a modalidade da arte circense como um conteúdo possível ou não de ser trabalhado na Educação Física Escolar, mais especificamente no Ensino Médio.

### 2.1 Amostra

Inicialmente, participaram da presente pesquisa 27 alunos do 2º ano do Ensino Médio do CEM Júlia Kubitschek, escola localizada no bairro da Candangolândia, em Brasília, Distrito Federal. Os estudantes tinham idade média  $16,70 \pm 0,70$  anos e eram de ambos os sexos.

Todos os alunos participantes entregaram o TCLE e uma lista de presença era conferida a cada aula para ve-

ificar a quantidade mínima de 75% de presença dos alunos nas aulas propostas. Em relação à amostra inicial de 27 estudantes, 23 concluíram a pesquisa e responderam o questionário final, caracterizando a amostra.

### 2.2 Métodos

Os alunos participaram de 6 aulas de Educação Física, distribuídas na forma de 3 aulas duplas com frequência de 1x semanal, de acordo com a grade horária da escola.

Durante as aulas, foi apresentada e desenvolvida a Acrobacia Coletiva, buscando trabalhar suas diversas características, com a finalidade de oferecer uma visão e experiência inicial ampla e completa sobre a modalidade da arte circense. Imagens das figuras propostas eram mostradas aos alunos para facilitar a compreensão dos mesmos. Os conteúdos das aulas e as figuras propostas se apresentam no quadro 1.

Ao final da última aula, os alunos responderam a um questionário sobre suas impressões relacionadas à intervenção.

As aulas eram realizadas em uma quadra poliesportiva coberta, utilizando 15 tatames de EVA e 4 colchões de espuma médios do acervo pessoal da professora pesquisadora, além de 12 colchonetes da escola.

**Quadro 1** – Divisão de conteúdos por aulas

Aulas 1 e 2	Apresentação da modalidade e noções de acrobacia de solo O que é Acrobacia Coletiva? Como acontece a Acrobacia Coletiva: Bases, volantes e segurança. Noções de acrobacia de solo: Equilíbrios Noções de acrobacia de solo: Rolamentos Pirâmides em dupla Exercícios de contrapeso em dupla Trios de alunos: Realização de figuras acrobáticas estáticas em dupla, com um aluno auxiliando na segurança.
Aulas 3 e 4	Pirâmides em trio Alongamento e exercícios em dupla Exercícios de contrapeso em trios Grupos de quatro alunos: Realização de figuras acrobáticas em trios, com um aluno auxiliando na segurança. Pirâmides em quarteto Grupos de cinco alunos: Realização de figuras acrobáticas em grupo de quatro alunos com um ou dois alunos auxiliando na segurança.
Aulas 5 e 6	Pirâmides em quintetos e sextetos Grupos de seis alunos: Realização de figuras acrobáticas em quintetos e sextetos, com um aluno ou nenhum auxiliando na segurança. Revisão, sequência coreográfica e apresentação Turma dividida em grupos de seis alunos, onde os mesmos escolhem e organizam figuras acrobáticas em duplas, trios e grupos aprendidas nas aulas anteriores, buscando realizar uma sequência coreográfica utilizando a união e criatividade. Apresentação da sequência coreográfica para os colegas da turma. Aplicação de questionários Aplicação e recolhimento de questionário sobre as aulas aplicadas nos 10 minutos finais da aula.

Fonte: Dos autores

Sobre o questionário respondido pelos alunos, as variáveis relacionadas a idade e gênero foram tratadas por meio de estatística descritiva. As respostas de cada pergunta foram categorizadas, possibilitando a análise quanto a frequência das respostas. Tal categorização e análise descritiva foi realizada no software estatístico SPSS versão 21.0. A idade é expressa nos resultado por média (desvio padrão), enquanto o gênero e as respostas das perguntas são expressos em percentual (número absoluto).

### 3 Resultados

O questionário foi respondido por 23 alunos, sendo 47,8% homens (11) e 52,2% mulheres (12), com idade  $16,70 \pm 0,70$  anos.

O questionário possuía 5 questões objetivas, expostas na Tabela 1.

Na primeira questão, foi perguntado ao aluno se ele gostava das aulas de Educação Física de sua escola. 9% dos alunos (2) afirmaram não gostar das aulas de educação física escolar, enquanto 91% dos alunos (21) afirmaram gostar. Esse resultado aponta satisfação da maioria dos alunos sobre as aulas de Educação Física na escola pesquisada.

A segunda questão perguntava aos alunos se eles haviam gostado de praticar Acrobacia Coletiva nas aulas de educação Física, enquanto a terceira perguntava se o conteúdo trabalhado nessas aulas era interessante para ser desenvolvido durante as aulas de Educação Física. Em relação às duas questões, 100% (23) afirmaram respondendo que sim, apontando grande aceitação e entusiasmo sobre a prática da modalidade.

Na quarta questão, foi perguntado se a prática da Acrobacia Coletiva motivou o aluno a frequentar as aulas de Educação Física. Em relação aos 23 alunos, 9% (2) afirmaram que a prática da atividade proposta não os motivaram a frequentar as aulas de Educação Física, enquanto 91% (21) afirmaram que a prática proposta foi motivadora.

Na quinta questão, que perguntava se os alunos gostariam de ter mais aulas de Acrobacia Coletiva na Escola, 96% dos alunos (22) afirmaram ter vontade de participar de mais aulas de Acrobacia Coletiva na escola, enquanto 4% (1) afirmaram não ter vontade.

Todos os resultados até aqui ilustraram uma atuação positiva da Acrobacia Coletiva dentro das aulas de Educação Física, mostrando que é um conteúdo motiva-

dor e possível de ser trabalhado na escola e no Ensino Médio.

**Tabela 1.** Respostas do questionário aplicado.

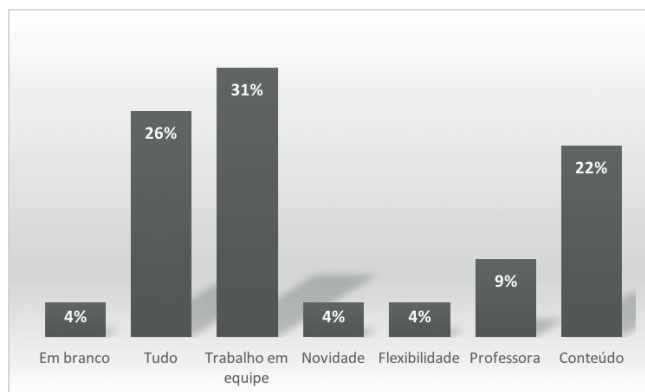
Questionário – Questões objetivas		
Pergunta	Sim	Não
1. Você gosta das aulas de Educação Física da sua escola?	91%	9%
2. Você gostou de praticar Acrobacia Coletiva nas aulas de Educação Física?	100%	0%
3. O conteúdo trabalhado nessas aulas é interessante para ser desenvolvido nas aulas de Educação Física?	100%	0%
4. A prática da Acrobacia Coletiva te motivou frequentar as aulas de Educação Física?	91%	9%
5. Você gostaria de ter mais aulas de Acrobacia Coletiva na Escola?	96%	4%

Fonte: Dos autores

As duas perguntas seguintes no questionário eram subjetivas, em que os alunos responderam o que tinham mais gostado nas aulas propostas e o que tinham menos gostado. As respostas equivalentes estão expressas nas figuras 1 e 2.

Os tópicos da Figura 1 foram separados de acordo com o que os alunos escreveram livremente. 26% dos alunos (6) afirmaram ter gostado de tudo o que envolvia a atividade, 31% dos alunos (7) afirmaram ter gostado do trabalho em equipe, 4% dos alunos (1) afirmaram ter gostado da novidade envolvida na aula de Acrobacia Coletiva, 4% dos alunos (1) afirmaram ter gostado do desenvolvimento da flexibilidade, 9% dos alunos (2) afirmaram ter gostado da professora, 22% dos alunos (5) afirmaram ter gostado do conteúdo. 4% dos alunos (1) não responderam a sexta questão.

**Figura 1.** O que os alunos mais gostaram durante as aulas.

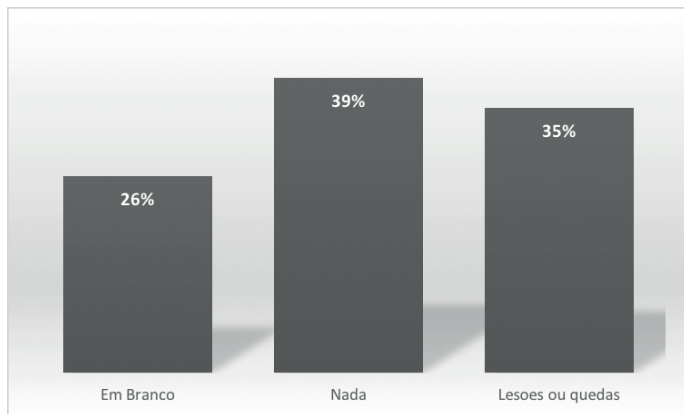


Fonte: Dos autores

Na figura 2, está descrito o que os alunos não gostaram durante as aulas. 39% dos alunos (9) afirmaram

não ter descontentamento com a aula de Acrobacia Coletiva, 35% dos alunos (8) afirmaram não terem gostado das lesões e quedas. 26% dos alunos (6) não responderam a questão sete.

**Figura 2.** O que os alunos menos gostaram durante as aulas.



Fonte: Dos autores

#### 4 Discussão

No estudo de Gonçalves e Lavoura (2011) sobre o projeto intitulado “Circo da Escola”, as artes circenses foram aplicadas nas aulas de Educação Física para alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental, de acordo com os conteúdos que os próprios alunos escolheram, tendo entre eles a acrobacia coletiva como conteúdo das aulas. Tais autores observaram que as crianças gostaram muito das aulas, se sentiam bastante motivadas durante as atividades ao aprofundarem e desenvolverem seus conhecimentos. Resultados semelhantes foram encontrados na presente pesquisa. Todos os alunos participantes gostaram de ter praticado Acrobacia Coletiva e acharam o conteúdo interessante para ser trabalhado durante as aulas de Educação Física.

Os alunos, ao perceberem que eram capazes de construir figuras que antes achavam impossíveis, superando suas próprias barreiras, dificuldades e desafios sentiam-se bastante entusiasmados e motivados, reforçando a ideia de que a atividade circense pode atuar dentro do processo pedagógico da Educação Física como um rico elemento da cultura corporal. Ainda complementando essa concepção, os dados da presente pesquisa trouxeram 91% dos alunos afirmando que a prática os motivaram a frequentar as aulas de Educação Física e 96% querendo mais aulas como as que foram propostas.

Takamori et al. (2010), em um relato de experiên-

cia, aplicaram as atividades circenses para alunos de 6 a 15 anos de forma extracurricular, a partir da curiosidade dos educandos sobre as artes circenses. Os conteúdos foram divididos em módulos e a Acrobacia Coletiva foi uma das modalidades abordadas e analisadas. As facilidades encontradas foram a cooperação entre os alunos e a inclusão de todos para a composição das figuras (no caso citado, os alunos com sobrepeso eram solicitados durante a prática). Esses dados podem ser comparados com os do presente estudo, pois, além de os alunos que apontaram ter gostado de todos os elementos da prática da Acrobacia Coletiva (26% do total), 31% dos alunos entrevistados descreveram, especificadamente, o trabalho em equipe como principal elemento que gostaram na prática, confirmando a ideia de que a Acrobacia Coletiva desenvolve, além das capacidades físicas, as relações interpessoais, destacando o cuidado, o respeito, a cooperação e a inclusão. Durante as aulas, também foi observado que os alunos com sobrepeso eram solicitados e tinham um importante papel na construção das figuras. Outra consideração feita foi que mesmo quem não queria participar ativamente das figuras por algum motivo estava empenhado em manter a segurança como ajudante e acabava por assumir a iniciativa de participar posteriormente, até mesmo por incentivo dos colegas e do professor.

No mesmo estudo de Takamori et al. (2010), as dificuldades apontadas foram o número elevado de crianças e, também, as atividades de inversão característicos da acrobacia de solo. No presente estudo, o número elevado de alunos fazia com que houvesse desorganização da turma em alguns momentos, mas a dispersão e euforia causadas pela prática em grupo eram, facilmente, controladas. Isso demonstra que a maior idade dos alunos da presente pesquisa pode ter sido um fator positivo (em comparação com o estudo de Takamori et al. (2010) que mostrou que a maturidade desses alunos faz diferença na prática da Acrobacia Coletiva. Porém, a mesma dificuldade com as inversões foi encontrada já na primeira aula, em que os alunos tiveram as primeiras experiências com as noções de acrobacia de solo. Tendo em vista a extrema dificuldade com a parada de mãos e a parada de três apoios mesmo com ajuda e apoio físico dos colegas, o professor optou não utilizar, por medida de segurança, nenhuma figura acrobática com inversões durante as aulas. Observou-se que mais aulas de noções de acrobacias de solo deveriam ser realizadas para que os alunos avançassem nas figuras acrobáticas em grupo que utilizam inversões.

Segundo os dados levantados por Ontañon et al. (2012), em uma revisão bibliográfica acerca da produção acadêmica referente à aplicação das atividades circenses no âmbito educativo, 11 estudos em forma de “relato de experiência” indicaram boas repercussões sobre as intervenções circenses no meio escolar, demonstrando, ainda, que as atividades circenses estão sendo desenvolvidas nas escolas. Os dados coletados estão de acordo com os do presente estudo, que também apontaram boa repercussão do circo na escola nas aulas de Educação Física.

Ainda sobre o estudo de Ontañon et al. (2012), as publicações pesquisadas revelaram casos em que as atividades circenses são utilizadas como elemento motivador sem, necessariamente, explorar todo seu potencial educativo, necessitando, assim, de um melhor aprofundamento teórico e metodológico por parte do professor, que muitas vezes relataram práticas que colocam os alunos em riscos de segurança.

Os autores observaram abordagens empíricas, assistemáticas e procedimentais, com uma frágil teoria e metodologia, mas que demonstram um esforço da Educação Física em reaproximar-se das artes circenses, principalmente a partir do ano 2000.

No presente estudo, é importante ressaltar a dificuldade de se encontrar materiais teóricos e metodologias para a aplicação da Acrobacia Coletiva que suporte a elaboração das aulas no ambiente escolar. A construção das aulas aplicadas baseou-se em duas publicações brasileiras encontradas com metodologias relacionadas a Acrobacia Coletiva, mas também teve como suporte a experiência de 12 anos de prática circense da professora.

Foram tomados todos os procedimentos preventivos sobre a questão da segurança dos alunos (sendo indicadas pelo professor a forma correta de suportar ou ser suportado nas funções de base e volante, do colega responsável pela segurança se portar na realização das figuras acrobáticas, dos colchões de segurança presentes durante toda a prática e a progressão gradual do nível de dificuldade das figuras ser respeitada). Ainda assim, o índice de 35% de alunos que indicaram lesões e quedas chamou atenção, mesmo não sendo a opinião expressa pela maioria dos alunos. Não houve nenhum caso de lesão musculoesquelética, mas dores musculares foram relatadas pelos alunos ao professor durante ou nos dias seguintes a prática, incômodo nos punhos e joelhos em certas posições adotadas pelas bases e outros incômodos causados pela incorreta pressão e peso do colega. Levou-

-se em consideração que eram todos aprendizes em suas primeiras experiências, erros de execução e quedas acontecem e que o professor deve estar sempre atento a uma possível falta de preparo físico do aluno para essas cargas de exercícios, ao volume da prática, ou mesmo a quantidade de aulas suficientes para as adaptações físicas.

Em uma revisão bibliográfica acerca da Ginástica Acrobática, esporte originado das acrobacias coletivas circenses, Merida et al. (2008) apontam que as quedas são comuns durante a prática do esporte e não devem ser entendidas como sinônimo de acidente, pois deve ser levado em consideração às adaptações de ritmo e transferências de peso entre os parceiros e à identificação do centro de gravidade nas figuras. Portanto, as quedas e lesões apontadas no presente estudo sugerem a constante preocupação com os procedimentos de segurança, mas não impedem sua aplicação nas aulas de Educação Física.

## 5 Considerações Finais

A Acrobacia Coletiva demonstrou ser um conteúdo possível de ser trabalhado das aulas de Educação Física no Ensino Médio. Os dados apontaram que foi positiva e motivadora a experiência dos alunos com a modalidade, destacando o trabalho em equipe. É necessário o professor estar sempre atento e redobrar os cuidados para promover uma prática segura e eficiente para os alunos. Propõem-se mais pesquisas relacionadas à Acrobacia Coletiva e a outras modalidades da arte circense, buscando uma aproximação cada vez maior com a Educação Física.

## Referências

AYALA, D. J. P. Atividades circenses na educação física escolar. ENCONTRO SUL-MATOGROSSENSE DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 13., 2010, Campo Grande. **Apostila de minicurso oferecido**. Campo Grande: APEFMS, 2010. p. 1-781-78.

AYALA, D. J. P.; MELO, R. Z. Repensando a prática pedagógica: as atividades circenses como conteúdo possível de ser trabalhado nas aulas de educação física. A visão docente. **EFDesportes.com, Revista Digital**, Buenos Aires, v. 17, n. 172, p. 1-8, set. 2012.

BORTOLETO, M. A. C. Atividades circenses: notas sobre a pedagogia da educação corporal e estética. **Cadernos de Formação RBCE**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 43-55, jul. 2011.

BORTOLETO, M. A. C.; TANAN, D. Acrobacia Coletiva. In: BORTOLETO, M. A. C. (Org.). **Introdução à pedagogia das atividades circenses**. Jundiaí: Fontoura, 2008. p. 105-120.

CARAMÊS, A. S. et al. Atividades circenses no âmbito escolar enquanto manifestação de ludicidade e lazer. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 24, n. 39, p. 177-185, dez. 2012

DUPRAT, R.; BORTOLETO, M. A. C. Educação física escolar. Pedagogia e didática das atividades circenses. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 28, n. 2, p. 171-189, jan. 2007.

GONÇALVES, L. L.; LAVOURA, T. N. O circo como conteúdo da cultura corporal na educação física escolar: possibilidades de prática pedagógica na perspectiva histórico-crítica. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**, Brasília, v. 19, n. 4, p. 77-88, out./dez. 2011.

GONZALEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. **Ginástica, dança e atividades circenses**. Maringá: Eduem, 2014.

MERIDA, F.; NISTA-PICCOLO, V. L.; MERIDA, M. Redescobrimo a ginástica acrobática. **Movimento**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 155-180, maio/ago. 2008.

ONTAÑON, T.; DUPRAT, R.; BORTOLETO, M. A. C. Educação física e as atividades circenses: "O estado da arte". **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 149-168, abr./jun. 2012.

SILVA, C. Vivência de atividades circenses junto a estudantes de educação física: reflexões sobre educação física no ensino médio e tempo livre. **Licere**, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 1-17, jun. 2009.

TAKAMORI, F. et al. Abrindo as portas para as atividades circenses na Educação Física escolar: Um relato de experiência. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 116, jan./abr. 2010.